**Rogoff, B. (2003). Development as Transformation of Participation in Cultural Activities. In The cultural nature of human development. Oxford University Press. cap 2**

**Aluna: Valeria Moro**

1. A autora defende que o desenvolvimento humano é um processo contínuo onde os indivíduos se transformam pela interação com outros em atividades culturais e contribuem com as transformações dos outros indivíduos da comunidade, contrapondo a noção de que de que o indivíduo seria separado do mundo e “influenciado pela cultura” que não é estática, correto?
2. Na tentativa de resolver o quebra-cabeça dos testes de competência, ao demonstrarem dados não condizentes com a realidade, fica claro que não se levava em conta as experiências das pessoas, o contexto sociocultural em que vivem e a tentativa simplista de associar o resultado dos testes ao desempenho na escola.
3. O entrevistador e o camponês discordaram sobre qual tipo de evidência é aceitável como verdade. Estar disposto a aceitar uma premissa que não se pode vivenciar ou experimentar é uma característica da escolarização, interessante esse ponto.
4. A autora defende que o indivíduo não deva ser visto de forma separada da sua cultura. A cultura não exerce influência no indivíduo, ao contrário o desenvolvimento humano resulta de um pertencimento do indivíduo inserido naquele meio social e cultural. Uma via de mão dupla, onde os indivíduos contribuem para os processos culturais e esses contribuem para o seu desenvolvimento, em uma interação contínua. O desenvolvimento humano ocorre como um processo de interação dos indivíduos nas atividades socioculturais de sua comunidade, as pessoas contribuem para os processos envolvidos nas atividades culturais, herdam práticas inventadas por outros e se desenvolvem com o envolvimento com outros, também influenciam as novas práticas culturais.
5. A proposta de círculos concêntricos também supõe processos culturais e individuais separadamente e o indivíduo pertenceria ao microssistema, subestimando o seu papel no processo de desenvolvimento, correto?
6. Questiona o objeto de estudo da Psicologia tradicional onde o indivíduo é visto como solitário e o cenário onde o indivíduo está inserido é removido, e sem dúvida o contexto é visto como importante, mas muitas vezes se estuda a criança “à parte”.

**Questões: Freire, P. (1996). Não há docência sem discência. In Pedagogia da Autonomia. Paz e Terra. cap1**

**Aluna: Valeria Moro**

1. O autor defende a prática educativo-crítica ou progressista onde o ensinar não é “transferir conhecimento” ao contrário, é criar possibilidades para a sua construção. O aprender é um processo que pode levar a uma curiosidade crescente no aprendiz de tal forma que possibilite que seja mais criador. A frase que somos “seres programados, mas, para aprender” denota o papel importante do aprender e da relação do docente-discente na permissão dos questionamentos, das dúvidas e até de uma certa rebeldia que supera os efeitos negativos do falso ensinar. Interessantíssima e fundamental essa abordagem (evoluída?) mais crítica ou progressista ao contrário do modelo conservador do ensino.
2. O estudo democrático deve permitir e incentivar os questionamentos, a capacidade crítica e a curiosidade do educando, incentivar até a sua insubmissão sem, contudo, deixar de lado a rigorosidade metódica com que devem se “aproximar” dos objetos cognoscíveis. Entendi que a rigorosidade metodológica é alcançada na medida em que a ingenuidade caminha para a criticidade, seria correto esta interpretação? Respeitar os saberes, mesmo que ingênuos, mas caminhar para os conhecimentos epistemológicos pela capacidade crítica. Seria isso?
3. Quando diz que a leitura verdadeira é aquela em que há comprometimento com o texto, onde percebe-se que não é a quantidade de livros que foram lidos mas a interação e o sentido que traz a leitura ao leitor. Incentiva a capacidade crítica e diz que “Só, na verdade, quem pensa certo, mesmo que, às vezes, pense errado, é quem pode ensinar a pensar certo”. E a fragilidade das nossas certezas! Traz também, a meu ver, a tranquilidade da aceitação de que errar faz parte. A educação conservadora e muitas vezes rígida de décadas atrás “criou” cidadãos muitas vezes temerosos de suas ideias e pensamentos, com dificuldades de questionar e de discutir... vulneráveis a críticas...levando isso para suas vidas.
4. Ensinar exige pesquisar! “Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”. O professor é então também um pesquisador sempre!
5. “Às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar na vida de um aluno um simples gesto do professor”. Totalmente verdadeiro! “... O gesto do professor me trazia uma confiança ainda obviamente desconfiada de que era possível trabalhar e produzir. De que era possível confiar em mim mas que seria tão errado confiar além dos limites quanto errado estava sendo não confiar. A melhor prova da importância daquele gesto é que dele falo agora como se tivesse sido testemunhado hoje. E faz, na verdade, muito tempo que ele ocorreu... “ O papel do professor é algo imensurável no seu papel e na sua capacidade de permitir e possibilitar a construção de um indivíduo e de uma sociedade! O reconhecimento do valor das emoções e da sensibilidade individual faz parte da docência verdadeira.

Adorei o texto! Excelente! Obrigada professora!

O crescimento e o enriquecimento que as suas discussões e os debates me trouxeram foram e continuam sendo muito importantes para a minha vida pessoal e acadêmica! Muito obrigada!